

Professor texano faz exame de competência

Roberto Garcia
Correspondente

Washington — Na segunda-feira os estudantes do Texas não tiveram aula. Seus 210 mil professores estavam fazendo exame. Foi o primeiro exame em massa de professores e de administradores das escolas primárias e secundárias de um grande estado americano, a fim de verificar se eles têm os conhecimentos mínimos para continuar lecionando. Segundo o governador do estado, Mark White, o exame de competência foi o primeiro passo de uma grande campanha para melhorar o nível de ensino no estado e preparar as crianças texanas para enfrentar a vida no ano 2000.

Nosso estado começou quando batedeiros passaram a levar o gado do Kansas para as enormes planícies do sul. Nessa época não se precisava de muita educação para viver. Depois o petróleo e o gás ajudaram a transformar a fisionomia do estado e nossa população ficou rica graças aos preços altos dos combustíveis. Mas, agora, a era da pecuária e do petróleo acabou. Se manteremos o alto padrão de vida que desfrutamos se nossa população for muito bem-educada — comentou White. Para melhorar a educação dos estudantes, ele diz ser preciso começar pela qualidade dos professores. Essa é a razão do teste. O exame constou de 85 perguntas com respostas de múltipla escolha e de uma redação curta. Para passar, cada professor precisava acertar pelo menos 63 perguntas.

Depois de concluir o exame, a maioria dos professores disse que o exame não passou de um teste de alfabetização, tão fácil que não serviria para medir sua competência para ensinar. O exame foi um desperdício de 7 milhões de dólares dos contribuintes texanos, afirmou John Garden, porta-voz da Associação dos Professores do Estado do Texas, que tem 97 mil membros e se opõe à realização do teste.

Os professores texanos tiveram que se submeter ao exame como condição para manter seus empregos. Pesquisas anteriores ao exame concluíram que cerca de 5% deles serão reprovados. Em fim de junho, os que não tiveram a nota mínima para passar terão outra oportunidade, mas, se forem reprovados novamente, perderão seus empregos. Há muitos professores nervosos por aqui, diz Douglas Ward, presidente dos Professores do Texas Unidos pelo Respeito e pela Responsabilidade.

Ele afirma que a maior parte dos seus colegas foi contrária aos testes, porque um mero exame de múltipla escolha jamais poderia demonstrar se o professor tem condições de instruir e motivar estudantes, algo muito mais

difícil de julgar. Além disso, o estabelecimento de um critério único para determinar a continuação ou o fim de uma carreira no magistério é uma coisa arbitrária, argumenta Ward, que também é professor de Educação Física na pequena cidade de Monahans. Para Ward, saber se uma palavra deve ser escrita com um "s" ou dois não tem nada a ver com a capacidade de um professor de álgebra ou de biologia motivar seus alunos.

Apesar da oposição da maioria dos professores, um levantamento de opinião pública revelou que 79% da população do estado apoiaram a realização do exame. Desde a publicação do relatório *A Nação em Perigo*, sobre a educação no país, em 1983, a qualidade do ensino vem sendo muito debatida. O relatório afirmava que se uma potência estrangeira tentasse impor limitações sobre o sistema educacional do país, a fim de que o desempenho de seus estudantes fosse tão mediocre quanto é agora, isso seria considerado um ato de guerra. O relatório diz que em vez de ser resultado de uma imposição estrangeira, a situação atual do ensino é consequência de um desarmamento educacional unilateral, de efeitos desastrosos. A consequência não é só a fabricação de automóveis mais eficientes pelos japoneses, afirma o relatório. Ele lembra que a usina siderúrgica mais eficiente do mundo não está nos Estados Unidos, mas sim na Coréia do Sul, e as mais avançadas máquinas-ferramenta são fabricadas pelos alemães.

Uma comissão nomeada pelo presidente Ronald Reagan para estudar o assunto constatou, por exemplo, que 23 milhões de americanos são praticamente analfabetos e não passam em provas simples da vida diária, como leitura, compreensão e redação. Além disso, de 1963 até 1980, a capacidade de os estudantes secundários do país usarem conceitos verbais e matemáticos vem caindo sem parar. Isso faz com que 40% dos jovens de 17 anos sejam incapazes de tirar conclusões do que lêem, um quinto deles não consegue fazer uma redação convincente e apenas um terço pode resolver um problema de matemática que requer vários estágios de raciocínio.

Por causa disso, tanto empresas quanto as Forças Armadas precisam gastar milhões de dólares em programas de treinamento em leitura, redação, computação. Segundo a Marinha americana, um quarto dos recrutas não consegue ler ao nível requerido no nono ano de escola secundária, o mínimo necessário para entender instruções sobre segurança. Sem treinamento adicional, eles não podem entender o equipamento sofisticado usado pelas Forças Armadas modernas.

Jovens revelam despreparo

— Washington (do Correspondente)

— Os jovens americanos não estão preparados para enfrentar os desafios de sua geração, segundo o relatório sobre educação. Computadores e equipamento controlado por computadores estão penetrando em todos os aspectos da vida do país, de residências às fábricas e aos escritórios. Estimativas do governo também indicam que até o fim do século milhões de empregos exigirão compreensão dos princípios complexos de tecnologia de laser e robôs. Os sinais dos avanços tecnológicos nos mais diversos setores da economia são abundantes e vão desde os hospitais à produção de alimentos, passando pela construção civil e pelas Forças Armadas.

Sem poder usar conceitos tecnológicos modernos, os americanos serão seres inferiores em seu próprio país e no mundo desenvolvido, afirma o relatório *Nação em Perigo*.

O desempenho mediocre das escolas americanas resulta de muitos fatores, inclusive da diminuição dos estímulos à carreira do magistério. Atualmente, o salário médio de um professor secundário é de 23 mil 582 dólares por ano. Mas a carga de trabalho desses professores não é pesada demais em comparação com a de outros países no mundo. Cada professor americano se encarrega, em média, de apenas 18 alunos. E em 1984 gastavam-se 3 mil 200 dólares por estudante promígio e secundário.

Segundo vários levantamentos governamentais, em comparação com outras nações industrializadas os estudantes americanos passam muito menos tempo estudando. Na Grã-Bretanha, por exemplo, o estudante secundário passa oito horas por dia na escola, 220 dias por ano. Nos Estados Unidos, em contraste, o dia escolar geralmente só tem seis horas e o ano

letivo dura apenas 180 dias. Além disso, muito tempo passado nas escolas americanas é perdido em coisas que pouco têm a ver com as matérias essenciais: cursos para dirigir automóvel ou de cozinha são considerados tão importantes para um diploma quanto a matemática, química, história e biologia. Acresce que muitos estudantes completam seus cursos sem adquirir hábitos de estudo disciplinados e sistemáticos.

Mas há uma campanha nacional para melhorar a situação. No estado do Texas, os exames dos professores fazem parte de um programa de vários elementos que incluem aumento dos salários, turmas menores e garantia de que o tempo usado para a preparação de aulas será remunerado. Além disso, o próprio estado fornecerá cursos de aperfeiçoamento dos professores.

O programa também inclui maior rigor com os estudantes. Desde o início do ano, por exemplo, alunos que não mantêm nível mínimo de desempenho perdem o direito de participar de atividades extracurriculares concorridas, como esportes.

A imposição de padrões mais altos para o magistério não se limita ao Texas. Quarenta e dois estados requerem exames para que professores recebam licença para lecionar. Esses exames abrangem tanto questões de inglês e matemática como demonstração de capacidade nas matérias que esses professores vão ensinar.

— Estamos apenas no começo dessa campanha para melhorar o ensino — diz o governador do Texas. — Se não ganharmos essa campanha, nosso país perderá sua primazia no mundo e os americanos vão virar cidadãos de segunda classe em comparação com os de outros países.